

AS CONTRIBUIÇÕES DO PIBIC PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE: NARRATIVAS DOS DISCENTES DO CURSO DE LETRAS DO IFCE CAMPUS TAUÁ

Wanderleny Oliveira Lima¹
Elane Torquato Venâncio²
Maria Evilene da Silva³
Leiliana Rebouças Freire⁴

RESUMO

O estudo em questão tem por finalidade refletir sobre as contribuições do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC no processo de formação dos discentes do curso de Licenciatura em Letras do IFCE, campus Tauá. Ao Analisar brevemente como vem se constituindo a relação ensino e pesquisa ao longo da graduação, busca-se entender os impactos que estão implicados nesse processo de formação docente. Este estudo justifica-se pela necessidade de compreender a importância da pesquisa dentro do processo de formação, a fim de evidenciar potencialidades na aprendizagem dos discentes, de modo a estimular a participação nas atividades de pesquisa. Para sistematização desse estudo, recorreremos à pesquisa bibliográfica, realizando o levantamento de dados em artigos, livros, teses e dissertações, assim como, fez-se necessário a busca na plataforma NL para mapear os projetos PIBIC, desenvolvidos na instituição de ensino ao longo do curso de Letras, para identificar as bolsistas participantes das pesquisas. Além disso, utilizamos as técnicas de coleta de dados referente à pesquisa de campo, ao realizar uma entrevista semiestruturada com duas alunas do Curso de Letras que vivenciaram a experiência enquanto bolsista PIBIC, de forma que as narrativas coletadas, e analisadas levaram em consideração a subjetividade das participantes. Assim, como achados da pesquisa: 1) As falas das discentes revelam que as experiências ocorreram de forma positiva e foi enriquecedora para formação, pois, as ações desenvolvidas no projeto estimulou o interesse pela pesquisa, sendo de suma importância para compreender a problemática dos processos educacionais, assim como, elementos essencial de uma escrita científica; 2) as narrativas das discentes evidenciam a essencialidade do tripé ensino, pesquisa e extensão, apontando para a universidade como espaço de diálogo, reflexão e produção do conhecimento; 3) e por ultimo, apontam o desconhecimento em relação aos programas e projetos de incentivo a pesquisa desenvolvida na própria instituição formadora.

Palavras-chave: Ensino superior, Pesquisa, Formação docente, PIBIC, Narrativas.

INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe discutir elementos estruturantes da pesquisa, essenciais no processo de construção do conhecimento, mormente a ciência e especialmente, relacionado à formação de professores. Nesse sentido, temos como centralidade, analisar as contribuições

¹ Graduanda do Curso de Pós- graduação do Instituto Federal-IF, wanderleny.oliveira.06@aluno.ifce.edu.br;

² Graduanda pelo Curso de Letras do Instituto Federal – IF, elane.venancio18@aluno.ifce.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Letras do Instituto Federal- IF, maria.evilene.silva06@aluno.ifce.edu.br;

⁴ Mestre em Educação e Ensino pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, leiliana.reboucas@ifce.edu.br;



do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC no processo de formação dos discentes do curso de Licenciatura em Letras no campus do IFCE, no município de Tauá, interior do Ceará. Investigando como constitui-se a relação entre ensino e pesquisa ao longo do processo formativo, refletindo sobre os impactos que reverberam no processo de formação docente, almejado no Projeto Pedagógico do Curso - PPC.

O interesse por desenvolver a pesquisa teve início na trajetória formativa na graduação em Pedagogia, em que tivemos a oportunidade de participar de programas de iniciação científica e projetos de extensão, que nos possibilitou um leque de aprendizagens em relação aos saberes necessário ao exercício docente. Para, além disso, outras experiências formativas e momentos de estudos instigaram o interesse por desenvolver pesquisa no campo da docência. Consideramos nesses termos, a atividade de pesquisa, essencial, e que proporciona esse movimento de ação- reflexão-ação sobre o contexto escolar, a prática e profissão no seu contexto mais amplo.

Ademais, o interesse citado anteriormente surgiu especificamente nos momentos de estudos realizados no primeiro Curso de Especialização em Docência e Prática de Ensino na Educação Básica, ofertada pelo Instituto Federal do Ceará- IFCE, Campus Tauá, bem como, intensificou-se a partir do I primeiro evento de Iniciação Científica do Curso de Letras realizado na referida instituição de ensino, a partir das narrativas do corpo docente sobre a falta de interesse dos discentes em participar de grupos de estudos com foco no desenvolvimento de pesquisas e produção do conhecimento científico.

Assim, o estudo justifica-se pela necessidade de compreender melhor a relevância da pesquisa dentro do processo de formação docente, bem como, evidenciar as potencialidades na aprendizagem dos discentes ao participarem de atividades de iniciação científica, estimulando o envolvimento de mais discentes na participação de atividades de pesquisa, mediante a socialização do estudo com a comunidade acadêmica, estendendo-se aos demais segmentos da sociedade.

Para investigação, estruturação e sistematização da escrita deste artigo, recorreremos como técnica para tecer as discussões em torno da temática apresentada, a pesquisa bibliográfica, ao fazer um apanhado dos principais trabalhos (artigos, dissertações, teses e livros), bem como, utilizamos da pesquisa documental, colhendo informações nos documentos oficiais e institucionais, e pesquisa de campo com foco nas narrativas dos discentes do Curso de Letras. Os dados para análise foram colhidos a partir da realização de



uma entrevista semiestruturada, trazendo a partir dos relatos da participação a contribuição das atividades de pesquisa para seu processo formativo.

Em termos estruturais, o artigo, apresenta inicialmente a introdução trazendo elementos direcionadores do estudo, justificativa, metodologia, objetivo de estudo, seguido de discussão teórica sobre as contribuições do PIBIC para processo de formação docente a nível nacional. Na sequência, destaca elementos da pesquisa enquanto eixo estruturante e necessário na formação de professores, além de destacar e refletir a partir das narrativas dos discentes, as experiências vivenciadas ao desenvolver atividades de pesquisa, apontando a metodologia aplicada para desenvolvimento do referido estudo, apontando os resultados e finalizando com as considerações finais e referências.

METODOLOGIA

A abordagem da presente pesquisa é qualitativa, pela possibilidade de analisarmos de forma subjetiva os dados e informações coletadas enriquecendo e aprofundando o debate. Como procedimento metodológico para o desenvolvimento do estudo em questão, podemos ressaltar que utilizamos os métodos e técnicas da pesquisa bibliográfica, de forma que realizamos um apanhado das principais obras para compor e fundamentar as reflexões tecidas no decorrer deste estudo. Como instrumentos de coletadas de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada direcionadas as discentes do Curso de Letras, colhendo suas narrativas que revelam como foi à experiência mediante a participação como bolsista PIBIC, as ações desenvolvidas, as contribuições para formação docente, os desafios enfrentados nessa trajetória, dentre outros elementos essenciais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao lançarmos olhar sobre o processo de organização do ensino superior no Brasil, observando que o contexto político e educacional, orientado pelos princípios da doutrina neoliberal, sobretudo a partir da década de 1990, necessitou de uma ampla reorganização. Assim, o ideal de Estado mínimo, que atuava fortemente enquanto órgão regulador, foi reformado, passando a ser um órgão coordenador, nesse contexto de mudança de paradigma.

Assim, a narrativa burguesa-capitalista de inclusão social, simultaneamente organiza através da estrutura jurídico-político, o Estado, propiciando as condições para impulsionar a iniciativa de instituições privadas beneficiando a lógica do mercado capitalista em detrimento das políticas e ações que beneficiassem as organizações do poder público, restringindo assim,



a educação superior a uma pequena parcela da sociedade, elitista e excludente que conserva os ideais neoliberais, mantendo assim um padrão de estrutura social.

Contudo, ocorreram algumas mudanças significativas no cenário social, em específico no campo educacional, voltado ao ensino superior. Destacamos aqui a criação do princípio da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, firmada na Constituição Federal de 1988, artigo 207. Frente a isso, observamos que historicamente as universidades são vistas como locais onde o ensino superior concretiza-se, como espaço de produção, articulação e propagação de conhecimentos e da formação de profissionais, visando instigar reflexões diante das conjunturas que a sociedade apresenta. A esse respeito, a Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (2013) assevera que: “A universidade pública é uma das instâncias onde deve ocorrer, de forma integrada, a formação profissional e a reflexão crítica sobre a sociedade, assim como a produção do conhecimento [...]”. (ANDES, 2013, p.17).

Com isso, e frente a várias demandas que estavam sendo colocadas em discussão, exigia-se um modelo de universidade que abrangesse uma grande parcela da sociedade, pois, já não era mais aceitável uma ideia de universidade que contemplava apenas a participação de um público pequeno e restrito. Esse novo projeto de universidade que ecoava na sociedade no período de redemocratização do país, enxergava no princípio da indissociabilidade uma alternativa de mudança, como é mencionada pelos teóricos Maciel e Mazzilli (2010, p.03) “a ideia da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como possibilidade de uma universidade pública, gratuita, autônoma, democrática e socialmente relevante.” Desse modo, o princípio da indissociabilidade é movido por reivindicações de mudanças referentes às atribuições sociais da universidade. O princípio em questão manifesta-se como resposta as exigências sociais, desempenhando ações baseadas na problematização, dialogo e reflexão.

Porém, cabe ressaltar que a concretização do ideal de indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, não foi algo aceito de imediato, de acordo com os autores, Maciel e Mazzilli (2010, p.05) afirmam que: “inúmeras foram as tentativas de retirar o art. 207, através de emendas constitucionais.” Visto que, as críticas contrárias a esse projeto de universidade partiam de interesse político, econômico e educacionais que não defendia um modelo de universidade democrática, autônoma, pública e com o bom nível de qualidade que estava estruturando-se. Desse modo, Mazzilli (1996) menciona que:

A democratização da universidade, nessa perspectiva, significa atribuir o poder de decisão a quem a faz e ao Estado sua manutenção, o que implica garantia de acesso e



de permanência, socialização da produção e da gestão (...) a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é apontada, nessa perspectiva, como critério de qualidade na concretização de um trabalho acadêmico assim referenciado. (MAZZILLI, 1996, p.09)

Mesmo após a aprovação da carta Constitucional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional aprovada em 1996, deixa falhas que tornam possíveis a não aplicação do princípio, resultando assim na sua omissão. Nessa perspectiva, a aplicabilidade da indissociabilidade apresentar-se como algo pouco promissor, haja vista, outras possibilidades de ofertar o ensino superior, sem a aplicação do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão. Diante desse cenário, em que se pensa em uma educação voltada para uma minoria, partimos da compreensão de que o princípio da indissociabilidade é indispensável na formação de nível superior, compreendendo que esse movimento entre ensino, pesquisa e extensão, proporciona ao educador indagar-se e indagar sobre a prática de ensino, fazendo com que o mesmo reflita, faça autocrítica sobre si mesmo e sua atuação e sobretudo possibilita a produção e disseminação do conhecimento.

Nesse contexto, podemos conceber o ato de pesquisar como uma forma organizada e sistemática de produzir novos conhecimentos e aprimorar os saberes existentes. Para Minayo (1997, p.17) apud (Matos & Vieira 2001, p.22), a pesquisa é “a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Assim, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação”. Nesse sentido, é importante salientar que as iniciativas das atividades de pesquisa iniciaram-se na década de 1930, mediante a criação das primeiras universidades brasileiras, que tinham na sua estrutura basilar a compreensão da essencialidade do desenvolvimento de pesquisas educacionais para a produção do conhecimento científico, colaborando assim com as discussões teóricas atualizadas na perspectiva do ensino, e, portanto, modificou-se o paradigma em relação à centralidade das instituições de ensino superior que promoviam somente atividades de ensino.

Desse modo, Massi & Queiroz (2015) aponta que as universidades a partir de 1951 passaram a ser financiadas pela fundação do atual Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) como incentivo ao desenvolvimento de pesquisas no ensino superior, sendo que até ano de 1987, as bolsas de IC foram distribuídas pelo referido órgão e mediante solicitação de um pesquisador. A partir disso, em 1988 as instituições de ensino passaram a receber quantitativo fixo anual de bolsas, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).



Ao nos reportamos ao percurso histórico do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Pinho (2017) assevera que surge no mesmo período na Constituição Federal de 1988, a criação do conceito de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Em 1993, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPQ inserem os critérios para a entrada nas instituições, acompanhamento e avaliação do desenvolvimento do programa nos setores educacionais. Com a primeira Resolução Normativa (RN – 005/1993), passando por duas reformulações em que a última realizou-se em 2006 (RN- 017/2006). Através dessa última viabilizou-se a criação de projetos e seleção de bolsistas. Alguns dos objetivos eram: “Contribuir para a formação de recursos humanos para a pesquisa; Possibilitar maior interação entre graduação e pós-graduação; Incentivar talentos potenciais entre estudantes de graduação.” (PINHO, 2017, p. 662)

Nessa perspectiva, Massi & Queiroz (2015, p.52) evidenciam que: “aluno desenvolve uma nova visão de ciência quando percebem que o conhecimento é temporário e que está em constante construção e reconstrução, contrariando a imagem vinculada a graduação”. Em concordância com o pensamento citado, de que as atividades de IC são significativas e para além de ampliar o campo de conhecimento teórico, aos poucos vai sendo trabalhado o desenvolvimento de habilidades e domínio de técnicas necessárias à prática de um pesquisador, aprendendo com um profissional mais experiente/orientador.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC, tem a nível nacional contribuído significativamente com a formação dos discentes/ bolsistas preparando-os com máxima qualificação para outras etapas de formação continuada a partir do acesso aos programas de pós – graduação, cumprindo com objetivo traçado pelo programa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visando alcançar o objetivo proposto neste artigo, realizamos *in loco* uma investigação a partir dos sujeitos envolvidos nesse processo. Organizamos e aplicamos alguns instrumentos, dentre eles, destacamos a entrevista semiestruturada, para assim analisarmos as contribuições do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC no processo de formação dos discentes.

Nesse sentido, analisando como constitui-se a relação entre ensino e pesquisa e refletir sobre os impactos que reverberam no processo de formação docente. Estruturamos um bloco com 09 perguntas que foram direcionadas aos entrevistados, buscamos através das

perguntas instigar os participantes a discorrer acerca das suas concepções a respeito das contribuições da IC no processo de formação.

Para entendermos esse processo através das vozes dos sujeitos, discutiremos a partir de agora as narrativas obtidas através das questões que foram respondidas pelos entrevistados. Para isso, buscando preservar a identidade dos participantes, denominando-os de “A” e “B” para diferenciar as suas falas. A primeira pergunta lançada aos participantes foi: O que você compreende por Iniciação Científica? Qual sua relevância? Através desse questionamento obtivemos as seguintes respostas: “[...] a iniciação científica é o bolsista desenvolver junto com o orientador alguma pesquisa que seja relevante para o campus [...]” (Discente/ Aluna A).

[...] entendo Iniciação Científica como um dever de quem faz parte do meio acadêmico, porque no meio acadêmico as ações muitas vezes fica muito distante para sociedade, como algo que às vezes fica ali só nos muros da faculdade. [...] pesquisar e discutir o que nós vemos aqui e principalmente, levar para fora e o que tem e faz com que a faculdade exista o sentido dela de fato, que é melhorar a sociedade. (Discente/Aluna B).

A partir das narrativas dos participantes podemos perceber que a compreensão dos discentes acerca da iniciação científica está ligada ao ato de pesquisar e divulgar a pesquisa para além dos muros da universidade. A iniciação científica é uma experiência que acontece geralmente quando o aluno ingressa na universidade, e é através dela que o estudante inicia a sua jornada na área da pesquisa, através da pesquisa os alunos conhecem novas metodologias e constroem respostas para os seus problemas de pesquisa e geram novas perguntas para assim manter ativa a produção de conhecimento.

A inserção na IC abre caminho para várias possibilidades, permite que o aluno possa colocar em prática a teoria aprendida na sala de aula através da sua ação de pesquisa. Em concordância com a entrevistada “B”, ressaltamos que a aproximação entre universidade e comunidade, possibilita o diálogo em torno de discussões que acontecem no meio acadêmico mostrando através dos resultados das pesquisas possíveis soluções para os problemas que a sociedade enfrenta, as pesquisas são o retorno que o estudante apresenta como forma de mostrar que a universidade está buscando soluções para os problemas reais.

O Segundo questionamento buscou compreender que ações/atividades as alunas desenvolveram a partir do projeto. Logo, obtivemos as seguintes respostas: “De início ocorreu a escolha dos conteúdos e atividades que seriam usados durante o curso. Para isso foram



usado vários recursos como: textos livres, materiais em PDF, músicas, vídeos. (discente/Aluna A).

[...] começamos primeiro com esse trabalho dentro da sala de aula, [...] que consistia em ir para escolas, falar com professores e tentar associar as falas deles sobre o ensino em sala de aula com algumas teorias que nos vimos na disciplina de Psicologia da educação. [...] começamos as reuniões e fizemos o estudo de uma teoria em específico que foi a teoria histórico cultural [...]. (discente/Aluna B)

Ao serem questionadas acerca das atividades que desenvolveram no período em que o projeto aconteceu, percebemos que havia uma organização das atividades que seriam desenvolvidas, à medida que o projeto era executado. Desse modo, os entrevistados “A” e “B”, deixam claro que existiu um momento em que houve a escolha dos conteúdos a qual seria estudado, ou seja, teve toda uma preparação, um estudo teórico que antecedeu de fato a execução prática dos projetos que foram intensificados ao longo da pesquisa. Percebe-se desse modo, ações resultantes da parceria entre professor aluno/ bolsista.

O quarto questionamento foi o seguinte: Quais as dificuldades/ desafios você enfrentou durante o período da bolsa ao desenvolver as atividades propostas no projeto?

[...] devido às restrições da pandemia, tivemos que reduzir o número de alunos, antes era direcionado para o público externo, não era só pra alunos do curso do IF, a gente reduziu o nosso público só para alunos do IF, tivemos que reduzir os horários, se adaptar a usar máscara, álcool, tudo isso que anteriormente a gente não tinha quando estava no IF. (discente/Aluna A)

[...] passamos pelo período de corte de verbas. [...] a primeira dificuldade foi de fato essa abertura para iniciação científica em que infelizmente ainda tem vários impasses principalmente, nesse governo em que estamos de agora. [...] iniciar dentro do campo da iniciação científica, eu realmente assim não tinha contato com essa esfera acadêmica, só vinha aqui assistir aula e fazer as atividades. [...] E depois, nós tivemos a questão da pandemia já no finalzinho do projeto quando estávamos construindo o segundo artigo de forma que as atividades foram interrompidas [...]. (discente/Aluna B).

A participante “B”, toca em um ponto bastante conhecido na realidade dos pesquisadores, a falta de incentivo e oportunidade para o desenvolvimento da pesquisa, ou seja, a falta de verbas, o desinteresse dos governantes em investir nas universidades, espaços onde o pesquisador se faz, e assim faz pesquisa. De acordo com Hugo Aguilaniu (2019) diretor do Instituto Serrapilheira (2019) em um trecho de sua entrevista para o jornal folha de S.Paulo, divulgado no Jornal da USP:

“Verba pública é o coração da ciência”. Para ele, o governo tem que assumir esse investimento. “É como se fosse um acordo entre o governo e o resto da cadeia produtiva. Em qualquer lugar do mundo é assim. O investimento público precisa apoiar a pesquisa básica, que depois gera tecnologia, produto, economia para as empresas.” (CAIRES, 2019,n.p, JORNAL DA USP)



Outra questão mencionada na fala das duas participantes, é a questão do período pandêmico no qual muitas atividades foram suspensas e exigiu uma nova organização do cronograma que se adaptasse aquela realidade. Como comenta a participante “A” “houve redução de público que participaria das atividades, redução de horários, adaptação aos equipamentos que era exigido o uso”. Indagamos as alunas sobre as contribuições para formação docente mediante a participação na bolsa PIBIC. Sobre esse questionamento, podemos destacar inicialmente a fala da aluna A, quando menciona que:

Sim, a participação na bolsa PIBIC, ajudou muito a compreender em relação às estruturas de uma escrita acadêmica, diferentemente de uma escrita literária, por exemplo. Ao ter contato com essa estrutura de escrita acadêmica ajudou bastante, em relação à leitura e produção de escrita de relatório [...]. (discente/ aluna A)

[...] Ao participar do projeto, e pegar os materiais para estudo, tive como questionamento inicial perceber de que forma a teoria histórico-cultural poderia ajudar a compreender esses diversos aspectos futuramente enquanto professora, e, por exemplo, como o desenvolvimento das funções psicológicas acaba impactando no ensino, como atenção esta ligada ao desenvolvimento da criança, como se relaciona com o outro [...]. Então, um ponto positivo foi saber que tinha todo um acervo de informações para ajudar futuramente no exercício da docência [...]. (discente/aluna B)

Com base nas narrativas apresentadas pelas alunas/bolsistas, é possível destacar que a participação na bolsa de Iniciação Científica contribuiu significativamente para compreender antecipadamente a dinâmica da sala aula, e os mais diversos aspectos ligados ao processo de ensino e aprendizagem, através do estudo e discussões teóricas realizadas mediante as ações propostas por cada projeto, levando a problematização, reflexões sobre o contexto escolar e as práticas pedagógicas desenvolvidas. Possibilitou ainda, o contato com uma nova estrutura de escrita ao realizar a sistematização desse conhecimento com a produção de artigos científicos.

Ademais, perguntamos as discentes se a participação na bolsa de Iniciação Científica e as ações desenvolvidas estimulou o interesse pela pesquisa. Logo para esse questionamento, obtivemos respectivamente as respostas da aluna A e aluna B, afirmando que: “Sim, é, eu acredito que é interessante nossa temática, e essa área de inglês sempre me interessou bastante, de forma que ao participar da bolsa esse interesse só aumentou. A participação na bolsa ajudou demais a perceber como é feita cada parte da pesquisa”. Sobre o questionamento acima a aluna “B” diz que: [...] Saímos da sala de aula e fomos realizar a escrita do artigo, e em seguida, pela amplitude das discussões demos continuidade na elaboração de um segundo artigo [...].

As falas apresentadas revelam que a experiência enquanto bolsistas de IC ocorreram de forma positiva e foi enriquecedora para a formação levando em consideração que ações

desenvolvidas estimularam o interesse das alunas pela continuidade das atividades de pesquisa, e mostrou-se de suma relevância para compreender a problemática dos processos educacionais, por uma perspectiva mais ampla, como, também voltando olhar para a realidade da sala de aula, além de compreender os elementos estruturantes de uma escrita científica.

Com base nas afirmações positivas apresentadas pelas alunas de que a participação como bolsista PIBIC estimulou o interesse pela pesquisa, fizemos o seguinte questionamento: vocês consideram importante à produção acadêmica, e em que aspectos contribuíram para sua aprendizagem. A aluna A indicou que: “considero importante sim. Penso que contribuiu para a gente aprender a fazer pesquisa, contribuiu também para a gente aprender a lidar com o público [...]”. Sobre o mesmo questionamento a aluna “B” relatou: “Considero sim. Porque a universidade não é só um lugar em que venho fazer as atividades, e ao final pegar meu diploma e ir embora, mas entender que esta inserida em um meio, e que deve atender as demandas da sociedade”.

As falas das alunas colocam em evidência a essencialidade do tripé ensino, pesquisa e extensão, apontando para universidade como espaço de diálogo, reflexão e produção de conhecimento que necessita ser compartilhados e proporcionados momentos de debate com os membros da sociedade, promovendo a problematização, trocas de experiências, e também atender suas demandas. Considerando a relevância e as contribuições significativas para docência a partir da participação na bolsa de Iniciação Científica, questionamos as alunas se tem interesse por participar de outros projetos de IC. Com relação a isso, a aluna B, aponta que: “tenho sim, inclusive depois das atividades do projeto PIBIC, me inseri no PIBID que é um Programa de Iniciação a Docência. É antes da bolsa PIBIC, participava do NECA que é um núcleo de estudos de cultura [...] já era o início para a escrita acadêmica [...]”.

Observando o pensamento da aluna B, pode-se perceber seu compromisso com a formação para o exercício da docência, seu engajamento e motivação para participar das atividades propostas pelos docentes do curso de Letras, mostrando sua trajetória bem consolidada ao participar dos projetos de pesquisa, vinculados os programas citados, revelando amadurecimento em relação à leitura e interpretação dos textos acadêmicos, e também no domínio da escrita em relação aos elementos estruturantes para a sistematização da aprendizagem adquirida pela participação e experiência na bolsa PIBIC.

Tendo em vista que o discente ao se inserir no espaço da universidade, são impactados por um novo contexto, bem como os desafios encontrados nesse cenário, se faz

necessário ser protagonista no processo de aprendizagem em busca do conhecimento. É lançar-se em determinados contextos, para conhecer as realidades que permeiam o universo escolar, as práticas pedagógicas com vistas a contribuir com a própria formação docente e com a instituição enquanto comunidade. No que diz respeito as principais dificuldades em relação a inserção do graduando nas bolsas de iniciação científica IC, a aluna B pontua:

Existem duas dificuldades, a primeira, é o desconhecimento por parte dos discentes, eu nem sabia que existia o PIBIC, [...], e a outra diz respeito a parte burocrática, porque é muito complicado se o aluno estiver no primeiro ou segundo semestre, sendo que acabou de entrar no meio acadêmico, aprender a preencher um formulário, adentrar na plataforma [...] tudo isso para um aluno que vem do ensino médio, é assustador, e depois pela questão do desconhecimento, não sabia que existia o PIBIC e PIBID, dentro do campus.

No entanto, para a aluna A as principais dificuldades que impedem a inserção dos graduandos a participarem da iniciação científica são: “A maioria das discentes trabalha e estuda de forma que não tem tempo de entrar em nenhum programa de bolsa IC, além, da carga horária. Também às vezes a dificuldade de imaginar que é difícil, e não se colocar para participar”. As narrativas apresentadas revelam o desconhecimento por parte dos discentes do Curso de Letras com relação aos programas de incentivo a pesquisa, em específico, o PIBIC, ressaltando a necessidade da instituição de ensino proporcionar momentos para divulgar as ações e esclarecer sobre programas e projetos desenvolvidos.

Para finalizar, questionamos as discentes se após concluírem a graduação pretendiam ingressar em curso de pós-graduação. Logo a aluna A respondeu: “Sim, eu pretendo, quero fazer uma pós na área da pedagogia, gostaria de ensinar crianças, às vezes eu penso que o ensino fundamental e médio não é um público que me identifico”. Ainda sobre a mesma indagação a aluna B, mencionou: “pretendo sim, justamente porque com a iniciação científica, entendi que só os conteúdos estudados em sala de aula durante o curso, é insuficiente, precisamos nos especializar em algum curso de pós-graduação, estudar melhor um aspecto a partir de um mestrado”. Assim, as narrativas dialogam no sentido, de compreender a essencialidade de uma forma continuada, mostrando interesse pela pesquisa, esse que foi estimulado a partir da experiência enquanto bolsista PIBIC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo podemos ressaltar que as discussões tecidas se fizeram necessária como forma de evidenciar a relevância da pesquisa para os processos formativos vivenciados nos cursos de ensino superior, em específico, no Curso de Licenciatura Português e Inglês, tendo em vista, nos dias atuais a escassez de investimentos e políticas públicas



voltadas para produção do conhecimento científico. Além disso, com base nas narrativas tecidas ao longo desse estudo, é possível destacar que a inserção e participação na bolsa PIBIC, é um processo desafiador, tendo em vista, primeiramente, a falta de investimento e financiamento para o desenvolvimento de projetos com bolsas remuneradas, assim como, o fato de desconhecem os programas e projetos desenvolvidos dentro da própria instituição formadora. Por outro lado, a participação na iniciação científica, trouxe inúmeras possibilidades de aprendizagem, dentre essas, podemos citar, as discussões teóricas a partir das leituras, refletindo sobre os saberes da prática, e compreendendo, como os processos educacionais se constituem no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ANDES, **Proposta da ANDES –SN Para a Universidade Brasileira**. Caderno ANDES. Nº 2. 4ª edição atualizada e revisada. Brasília: ANDES, 2013.

CAIRES, Luiza. **Nos países desenvolvidos, o dinheiro que financia a ciência na universidade é público**. Jornal da USP, São Paulo, 24 de maio. 2019.

MASSI, Luciana. QUEIROZ, Salette Linhares. Iniciação científica: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro. In: Cabrero, Rodrigo de Castro; Costa, Maria da Piedade. **Iniciação Científica, Bolsa de iniciação Científica e Grupos de Pesquisa**. São Paulo: Editora UNESP, 2015, p. 110-129. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/s3ny4/pdf/massi-9788568334577.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022.

MASSI, Luciana. QUEIROZ, Salette Linhares. Iniciação científica: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro. In: Cabrero, Rodrigo de Castro; Costa, Maria da Piedade. **In: Massi, Luciana; Queiroz, Salette Linhares. A perspectiva brasileira da iniciação científica: desenvolvimento e abrangência dos programas nacionais e pesquisa acadêmicas sobre a temática**. São Paulo: Editora UNESP, 2015, p. 38-63. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/s3ny4/pdf/massi-9788568334577.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. Pesquisa Educacional: **O prazer de conhecer**. UECE. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

MAZZILLI, Sueli; MACIEL, Aderlânia S. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: percurso de um princípio constitucional. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, 33., 2010. Caxambú, MG: Anped, 2010. Disponível em: <<http://www.anped11.uerj.br/Indissociabilidade.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

MAZZILLI, Sueli. **Ensino, Pesquisa e Extensão**: uma associação contraditória. Tese de Doutorado. São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1996.

PINHO, Maria José de. **Ciência e ensino**: contribuições da iniciação científica na educação superior. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, Sorocaba, SP, v. 22, n. 03, p. 658-675, nov. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/aval/a/T33wvHSY5PvjWvdpfMmmTby/?format=pdf>. Acesso em: 08 abr. 2022.